

N#1 BEST SELLER DO THE NEW YORK TIMES

DANIEL SILVA

UM JOGO LETAL CUJO
OBJETIVO É A VINGANÇA

A VIÚVA NEGRA



HarperCollins

LE MARAIS, PARIS

Toulouse viria a ser a ruína de Hannah Weinberg.

Naquela noite, Hannah telefonou a Alain Lambert, um contacto que tinha no Ministério do Interior, e disse-lhe que desta vez algo teria de ser feito. Alain prometeu uma resposta rápida. Seria uma atitude corajosa, garantiu a Hannah, sendo a coragem a resposta padrão de um *fonctionnaire* quando, na realidade, nada planeava fazer. Na manhã seguinte, o ministro visitou pessoalmente o local do ataque e lançou um apelo vago ao «diálogo e à recuperação». Apresentou condolências aos pais das três vítimas.

— Faremos o nosso melhor — disse antes de se dirigir rapidamente para Paris. — É a nossa obrigação.

As vítimas tinham 12 anos de idade, dois rapazes e uma rapariga, todos judeus, embora os meios de comunicação franceses não tenham mencionado a religião nos primeiros relatos. Também não se preocuparam em referir que os seis atacantes eram muçulmanos, apenas que eram jovens e que viviam nos subúrbios, num *banlieue* a leste do centro da cidade. A descrição do ataque foi vaga ao ponto de apresentar imprecisões. De acordo com uma estação de rádio francesa, tinha ocorrido algum tipo de desentendimento no exterior de uma pastelaria. Três pessoas tinham ficado feridas, uma delas com gravidade. A polícia estava a investigar. Não tinham sido efetuadas quaisquer detenções.

Na realidade, não tinha sido um desentendimento, mas sim uma emboscada bem planeada. E os atacantes não eram jovens,

mas homens com vinte e poucos anos que se aventuraram a ir até ao centro de Toulouse com o objetivo de atacar judeus. O facto de as suas vítimas serem crianças não pareceu perturbá-los. Pontapearam, cuspiram e espancaram os dois rapazes de forma sangrenta. A rapariga foi imobilizada no chão e o seu rosto esfaqueado. Antes de fugirem, os seis atacantes voltaram-se para um grupo de transeuntes chocados e gritaram:

— *Khaybar, Khaybar, ya-Yahud!*

Embora as testemunhas não o soubessem, esse cântico árabe era uma referência a uma conquista muçulmana do século XVII de um oásis judeu próximo da cidade santa de Medina. A mensagem era inconfundível. Os soldados de Maomé, diziam os seis homens, vinham em busca dos judeus de França.

Infelizmente, o ataque em Toulouse fora precedido por inúmeros pré-avisos. A França encontrava-se no centro dos piores ataques contra judeus desde o Holocausto. Sinagogas tinham sido incendiadas, lápides derrubadas, lojas saqueadas e casas vandalizadas e marcadas com *graffitis* ameaçadores. No total, só no ano anterior tinham ocorrido mais de quatro mil ataques, todos eles cuidadosamente registados e investigados por Hannah e pela sua equipa no Centro Isaac Weinberg para o estudo do antissemitismo em França. O centro, assim designado em homenagem ao avô paterno de Hannah, fora inaugurado dez anos antes, sob um apertado dispositivo de segurança. Era, atualmente, a instituição desse tipo mais respeitada em França e Hannah Weinberg era considerada a mais promissora cronista da nova onda de antissemitismo do país. Os seus apoiantes referiam-se a ela como uma «militante da memória», uma mulher disposta a tudo para pressionar a França a proteger a sitiada minoria judaica. Os seus detratores eram bem menos caridosos. Por este motivo, há muito que Hannah tinha deixado de ler as coisas que escreviam sobre ela na imprensa ou nos esgotos da Internet.

O Centro Weinberg localizava-se na Rue des Rosiers, a mais importante rua do bairro judeu mais conhecido da cidade. O apartamento de Hannah situava-se ao virar da esquina, na Rue Pavée. Na

placa do intercomunicador podia ler-se Mme. Bertrand, uma das poucas medidas que tomou para garantir a sua segurança. Morava no apartamento sozinha, rodeada de bens pertencentes a três gerações da sua família, incluindo uma modesta coleção de pintura e várias centenas de óculos antigos, a sua paixão secreta. Aos cinquenta e cinco anos, continuava solteira e sem filhos. Ocasionalmente, quando o trabalho lho permitia, ia tendo um ou outro amante. Alain Lambert, o seu contacto no Ministério do Interior, tinha sido, em tempos, uma boa distração, durante um período particularmente tenso de incidentes antijudeus. Depois da visita do seu superior a Toulouse, Alain telefonou para casa de Hannah.

— Tanta coragem — disse ela ironicamente. — Ele devia ter vergonha na cara.

— Fizemos o melhor que conseguimos.

— O vosso melhor não foi suficiente.

— Nos tempos que correm, é melhor não deitar achas para a fogueira.

— Foi exatamente isso que disseram no verão de 1942.

— Não vamos entrar em exageros emocionais.

— Alain, não me dás outra hipótese a não ser emitir um comunicado.

— Escolhe as palavras com cuidado. Não existe mais ninguém entre vocês e eles senão nós.

Hannah desligou o telefone. Depois, abriu a primeira gaveta da secretária e tirou uma única chave. A chave abria uma porta ao fundo do corredor. Para lá dela, encontrava-se o quarto de uma criança, o quarto de Hannah, congelado no tempo. Uma cama de quatro colunas com dossel de renda. Prateleiras com animais de peluche e brinquedos. Um póster desbotado de um galá do cinema americano. E, pendurado por cima da cómoda provençal francesa, invisível na escuridão, um quadro de Vincent van Gogh. *Marguerite Gachet no seu toucador...* Hannah passou a ponta de um dedo pelas pinceladas e pensou no homem que tinha realizado o primeiro e único restauro do quadro. Como responderia ele numa altura como esta? «Não», pensou a sorrir. «Isso não pode ser».

Subiu para a sua cama de criança e, para sua grande surpresa, caiu num sono profundo. Quando acordou, tinha definido um plano.

Durante grande parte da semana seguinte, Hannah e a sua equipa trabalharam sob rigorosas condições de segurança operacional. Os potenciais participantes foram abordados discretamente, houve negociações e foram contactados possíveis doadores. Duas das fontes mais fiáveis de financiamento de Hannah hesitaram, pois, tal como o ministro do Interior, achavam melhor não *jeter de l'huile sur le feu*, não deitar achas para a fogueira. Para compensar a insuficiência de fundos, Hannah não tinha outra opção senão recorrer às suas finanças pessoais, que eram consideráveis. Também isso era tema de conversa para os seus inimigos.

Por último, havia a pequena questão de como denominar a iniciativa de Hannah. Rachel Lévy, responsável pelo departamento de publicidade do centro, achava que um misto de brandura com um toque de dissimulação seria a melhor abordagem, mas Hannah discordava. Quando as sinagogas ardiam, dizia ela, a cautela era um luxo ao qual não se podiam dar. O objetivo de Hannah era dar sinal de alarme, apelar à ação. Rabiscou algumas palavras num pedaço de papel de carta e colocou-o na atafalhada secretária de Rachel.

— Isto deve chamar a atenção deles.

Até àquele momento, ninguém com um pingão de consciência tinha concordado em participar. Ninguém, salvo um inoportuno bloguista americano e comentador de televisão que teria aceitado um convite para o próprio funeral. Foi então que Arthur Goldman, o eminente historiador de Cambridge especializado em antissemitismo, referiu que estaria disposto a viajar até Paris, desde que Hannah concordasse, obviamente, em alojá-lo durante duas noites na sua suíte favorita no Crillon. Com o compromisso de Goldman, Hannah conseguiu convencer Maxwell Strauss de Yale, que nunca deixava escapar uma oportunidade de se apresentar no mesmo

palco do que o seu rival. Rapidamente se seguiram as confirmações dos restantes participantes. O diretor do Museu Memorial do Holocausto dos Estados Unidos concordou em estar presente, bem como dois importantes memorialistas da sobrevivência e um especialista no Holocausto Francês de Yad Vashem. Foi também incluída uma escritora, mais pela sua enorme popularidade do que pelos seus conhecimentos históricos, juntamente com um político francês de extrema-direita que raramente tinha algo simpático a dizer sobre quem quer que fosse. Diversos líderes espirituais muçulmanos e líderes comunitários foram convidados a participar. Todos recusaram. O mesmo aconteceu com o ministro do Interior. Alain Lambert deu pessoalmente as notícias a Hannah.

— Achaste mesmo que ele ia participar numa conferência com um título tão provocador?

— Oh, Alain, Deus nos livre de o teu chefe fazer alguma coisa provocadora.

— E a segurança?

— Sempre soubemos tomar conta de nós.

— Nada de israelitas, Hannah. Daria mau ar à coisa.

Rachel Lévy emitiu o comunicado de imprensa no dia seguinte. Os meios de comunicação foram convidados para fazerem a cobertura da conferência e foi disponibilizado ao público um número limitado de lugares. Algumas horas depois, numa movimentada rua do Vigésimo *Arrondissement*, um judeu religioso foi atacado por um homem armado com um machado, ficando gravemente ferido. Antes de fugir, o atacante agitou a arma ensanguentada e gritou:

— *Khaybar, Khaybar, ya-Yahud!*

A polícia estava a investigar o caso.

Por uma questão de celeridade e segurança, a conferência realizar-se-ia apenas cinco dias úteis depois do comunicado de imprensa. Por esse motivo, Hannah aguardou até ao último minuto para preparar o discurso de abertura. Na véspera do encontro, sentou-se

sozinha na sua biblioteca, rabiscando furiosamente num bloco de notas.

Era, pensava ela, o local adequado para escrever um documento assim, pois a biblioteca pertencera, em tempos, ao seu avô. Nascido no distrito de Lublin, na Polónia, este voara para Paris em 1936, quatro anos antes da chegada da Wehrmacht de Hitler. Na manhã de 16 de julho de 1942 — o dia conhecido como *Jeudi Noir*, ou Quinta-Feira Negra — agentes da polícia francesa carregados com pilhas de cartões azuis de deportação, prenderam Isaac Weinberg e a esposa, juntamente com mais quase treze mil judeus nascidos no estrangeiro. Isaac Weinberg conseguira esconder duas coisas antes do tão temido toque na porta: o seu filho único, um menino chamado Marc, e o Van Gogh. Marc Weinberg sobreviveu à guerra escondido e, em 1952, conseguiu recuperar o apartamento da Rue Pavée da família francesa que nele se tinha instalado após a *Jeudi Noir*. Miraculosamente, o quadro encontrava-se precisamente no local onde Isaac Weinberg o deixara, escondido sob o soalho da biblioteca, por baixo da secretária onde agora Hannah se sentava.

Três semanas após a detenção, Isaac Weinberg e a esposa foram deportados para Auschwitz e gaseados assim que chegaram. Eram apenas dois dos mais de 75000 judeus oriundos de França que pereceram nos campos de extermínio da Alemanha Nazi, uma mancha permanente na história francesa. Poderia voltar a acontecer? Estaria na altura de os 475000 judeus da França, a terceira maior comunidade judaica do mundo, fazerem as malas e partirem? Esta foi a questão que Hannah apresentou como título da sua conferência. Muitos judeus tinham já abandonado a França. Quinze mil tinham emigrado para Israel durante o ano anterior e muitos mais partiam todos os dias.

Contudo, Hannah, não pretendia juntar-se a eles. Independentemente do que os seus inimigos pudessem dizer, considerava-se primeiro francesa e depois judia. Para ela, a ideia de viver em qualquer outro lugar que não no Quarto *Arrondissement* de Paris era aterradora. Mas sentia a obrigação de alertar os seus compatriotas

franceses judeus para a tempestade que se aproximava. Ainda não era uma ameaça real. Mas quando um edifício está a arder, escrevia Hannah agora, o melhor a fazer é procurar a saída mais próxima.

Terminou um primeiro esboço pouco antes da meia-noite. Era demasiado acutilante, pensou, talvez com um tom excessivamente colérico. Poliu as arestas e acrescentou algumas estatísticas dramáticas para reforçar a sua ideia. Depois, digitou o texto no portátil, imprimiu uma cópia e, por volta das duas horas, deixou-se cair na cama. O despertador tocou às sete; bebeu uma chávena de café com leite a caminho do chuveiro. De seguida, sentou-se diante da cómoda, enrolada na toalha de banho, a olhar para o seu rosto no espelho. O seu pai, num momento de brutal honestidade, tinha-lhe dito uma vez que Deus fora generoso com ela em termos de inteligência, mas parcimonioso com a aparência. Tinha o cabelo ondulado e escuro, com pinceladas grisalhas que ela permitira que aumentassem sem resistência. O nariz proeminente e aquilino; os olhos grandes e castanhos. Nunca tinha tido uma cara particularmente bonita, mas também não assustava ninguém. Numa altura assim, a sua aparência era uma mais-valia.

Maquilhou-se um pouco para esconder as olheiras e penteou-se com mais cuidado do que habitualmente. Depois, vestiu-se rapidamente — uma saia e uma camisola de lã escuras, meias escuras e um par de sapatos clássicos de salto baixo — e desceu. Após atravessar o pátio interior, entreabriu a porta principal do edifício e espreitou para a rua. Passavam alguns minutos das oito; parisienses e turistas seguiam os respetivos caminhos pela calçada sob um céu cinzento de início de primavera. Aparentemente, ninguém parecia estar à espera que uma mulher de aspeto inteligente, na casa dos cinquenta e poucos anos, saísse do prédio do número 24.

Saiu e passou por uma série de lojas de roupa chique, seguindo em direção à Rue des Rosiers. Durante um troço, parecia uma rua normal num sofisticado bairro de Paris. Depois, Hannah encontrou uma pizaria *kosher* e diversas bancas de venda de faláfel com cartazes escritos em hebraico e a verdadeira natureza da rua revelou-se.

Pensou no ar que teria no início da manhã da *Jeudi Noir*. Os indefesos prisioneiros subindo para carrinhas de caixa aberta, cada um carregando a mala a que tinha direito. Os vizinhos olhando pelas janelas, alguns em silêncio e envergonhados, outros com dificuldade em conter as lágrimas pelo infortúnio daquela desgraçada minoria. Hannah deteve-se nessa imagem — a imagem de parisienses dizendo adeus aos judeus condenados — à medida que avançava entre a luz mortiça ao som ritmado dos seus saltos sobre a calçada de pedra.

O Centro Weinberg localizava-se ao fundo da rua, numa zona calma, num prédio de quatro andares que, antes da guerra, acolhera a editora de um jornal em língua ídiche e uma fábrica de casacos. Uma fila de várias dezenas de pessoas estendia-se para lá da porta onde dois seguranças de fato escuro, homens jovens na casa dos vinte anos, revistavam cuidadosamente todas as pessoas que pretendiam entrar. Hannah passou por eles e subiu as escadas em direção à recepção VIP. Arthur Goldman e Max Strauss olhavam um para o outro de forma cautelosa, debruçados sobre chávenas de café americano fraco. A escritora famosa falava seriamente com um dos memorialistas; o diretor do Museu do Holocausto trocava ideias com o especialista de Yad Vashem que era seu amigo de longa data. Apenas o inoportuno comentador americano parecia não ter ninguém com quem conversar. Estava a encher o prato de *croissants* e brioche como se não comesse há vários dias.

— Não se preocupe — disse Hannah, a sorrir. — Estamos a pensar fazer uma pausa para o almoço.

Dedicou alguns minutos a cada um dos oradores antes de descer para o seu escritório. Sozinha, voltou a reler o discurso de abertura até que Rachel Lévy espreitou pela porta e apontou para o relógio de pulso.

Se quiseres desfrutar do resto da história,
podes comprar o livro clicando aqui.